

6.3 MEIO ANTRÓPICO

6.3.1 Caracterização Socioeconômica

A atividade de dragagem, conforme mencionado no **Item 5**, tem sua Área de Influência Direta localizada no espaço marítimo da costa do Estado de Sergipe, adjacente ao povoado Jatobá, município de Barra dos Coqueiros. A **AID** propriamente dita corresponde aos trechos dragados e a área de disposição, ambos acrescidos do contorno da pluma de sedimentos suspensos durante as atividades de dragagem e definido por modelagem numérica (ver **Mapa 5.2-1**).

Desta forma, a influência da atividade de dragagem sobre as unidades territoriais litorâneas vizinhas dá-se de forma indireta, e restringe-se à interferência que a dragagem possa estabelecer com as formas de utilização do espaço marítimo praticadas pelas comunidades dessas unidades, assim definindo a Área de Influência Indireta – **AII** para o meio antrópico, conforme apresentado no **Item 5**.

No caso do Estado de Sergipe esta interface ocorre junto à atividade pesqueira, principalmente aquela que atua sobre a plataforma continental e é dedicada ao arrasto camaroneiro. É importante ressaltar que o camarão é o organismo mais explorado no Estado, e a sua pescaria movimenta o maior volume de recursos financeiros. Sendo assim é de fundamental importância o conhecimento das rotas pesqueiras, para que haja um planejamento adequado das atividades propostas para a região da atividade.

O Programa Nacional de Rastreamento de Embarcações Pesqueiras por Satélite (PREPS) permite definir os locais de pesca, através de Sistemas de Informações Geográficas. No entanto, esse programa está restrito a frota de escala industrial, sendo que seus dados não puderam ser utilizados no presente estudo, pois no Estado de Sergipe a frota é eminentemente artesanal (SEAP, 2006).

Como alternativa analisou-se o perfil da atividade pesqueira considerando os seguintes aspectos: tipo de pesca, petrechos utilizados, embarcação, tempo de duração das pescarias, espécies capturadas, principais áreas de pesca entre outros aspectos abordados.

A metodologia para levantamento dessas informações constou tanto da coleta de dados em fontes oficiais, tais como as disponibilizadas pelo controle estatístico realizado pelo Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Nordeste (CEPENE) e pelo projeto ESTATPESCA¹, e pelas entrevistas realizadas pela equipe da **Ecologus** diretamente com os usuários do recurso em questão, reconhecendo assim a relevância do *conhecimento ecológico tradicional* (BERKES, 1999; BERKES *et al.* 2000) para o manejo integrado da região costeira.

¹ No ano de 2005, com o advento do Convênio SEAP-PR/PROZEE/IBAMA – Monitoramento da Pesca no Litoral do Brasil, e a inclusão do projeto ESTATPESCA, a rede de coleta foi ampliada em 100%, passando de 5 para 10 coletores. Este acréscimo no número de coletores pode gerar uma distorção na tendência da pesca, assim como sugerir erros pretéritos de subestimação da atividade em questão (IBAMA, 2006).

Assim, analisa-se no presente estudo a atividade pesqueira das comunidades de Aracaju, Barra dos Coqueiros e Pirambu (ver **Mapa 5.3-1**).

Conforme discutido acima, não se prevê influência direta do empreendimento sobre populações costeiras, entretanto, pode-se considerar como grupos sociais potencialmente sujeitos à influência indireta da atividade de dragagem, àqueles pertencentes às comunidades pesqueiras que fazem uso freqüente do espaço marítimo correspondente à região de inserção das atividades.

As informações sobre o contingente de pescadores brasileiros carece de um respaldo censitário, posto que o último Registro Geral da Pesca fora realizado somente em 1967. Dessa forma, a análise das populações envolvidas com a atividade pesqueira baseou-se em dados amostrais coletados em um curto espaço de tempo, ou cadastrais realizados por instituições locais. Este tipo de dado incorre no risco de omitir algumas variações no contingente de pescadores ocasionadas por características fundamentais próprias a organização da pesca artesanal.

Por exemplo, existe uma forte tendência para que haja uma flutuação significativa do número de pescadores ao longo do ano. Estas flutuações estão relacionadas tanto com a sazonalidade de algumas pescarias², quanto ao fato de que a pesca — por se tratar de uma profissão que exige pouca qualificação técnica — torna-se uma solução imediata para geração de emprego e renda das classes mais pobres.

Outro fator importante relaciona-se com as fontes de dados amostrados, geralmente dependente dos registros realizados pelas colônias ou associações de pescadores. Há muitas falhas na organização cadastral realizadas por estas organizações comunitárias, que utilizam geralmente “Livros de Registro” como instrumentos de controle dos seus associados. Consta com freqüência em seus quadros pescadores já falecidos, ou que tenham mudado de atividade profissional.

Este estudo foi fundamentado por duas fontes de dados. A primeira remete ao Banco de Dados de Informação Pesqueira, formado a partir dos trabalhos realizados na costa brasileira pela Empresa **Ecologus Engenharia Consultiva Ltda.**

A segunda pelo, recentemente publicado (dezembro de 2006), Recadastramento Nacional dos Pescadores do Brasil, documento elaborado pela Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca baseado nas informações coletadas por 60 equipes que percorreram mais de 600 municípios brasileiros.

² No caso sergipano os meses de novembro, dezembro e janeiro são os mais produtivos, enquanto que os camarões apresentam os maiores desembarques nos meses de maio e junho, imediatamente após o primeiro defeso do ano, entre abril e maio (IBAMA, 2006).

Dentre as diferenças existentes entre os dados disponibilizados pelas duas fontes citadas neste estudo destacam-se:

- A abrangência dos dados, uma vez que enquanto a primeira fonte contempla apenas a All, os dados presentes na segunda dizem respeito a todo o Estado de Sergipe; e
- A metodologia de aquisição dos dados, no caso da ECOLOGUS (2006), baseada em entrevistas realizadas com representantes das organizações pesqueiras, e no caso da SEAP (2006) fundamentado na realização de um cadastramento voluntário dos pescadores.

O **Quadro 6.3.1-1** mostra os dados obtidos nas Colônias e Associações de pescadores, relevantes para a determinação do número total de pescadores envolvidos com a pesca nos municípios de Aracaju, Barra dos Coqueiros e Pirambu. Nota-se que a Associação dos Armadores de Pesca da Grande Aracaju (ASSAPAJU) e o Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Pirambu (CONDEPI) disponibilizaram respectivamente o número de embarcações registradas e o número de proprietários de embarcações.

QUADRO 6.3.1-1: DADOS RELEVANTES PARA A DETERMINAÇÃO DO NÚMERO DE PESCADORES ENVOLVIDOS COM A PESCA NOS MUNICÍPIOS EM QUESTÃO.

ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS RELACIONADAS A PESCA	LOCAL	Nº DE PESCADORES/Nº DE EMBARCAÇÕES/ Nº DE PROPRIETÁRIOS DE EMBARCAÇÕES
Z-01	Aracaju	4000 ^(*)
Z-05	Pirambu	1500 ^(*)
Z-13	Barra dos Coqueiros	270 ^(*)
ASSAPAJU	Barra dos Coqueiros	95 ^(**)
CONDEPI	Aracaju	140 ^(***)

(*) Refere-se ao número de pescadores cadastrados

FONTE: ECOLOGUS, 2006

(**) Refere-se ao número de embarcações cadastradas.

(***) Refere-se ao número de proprietários de embarcações

Juntamente com os dados disponíveis no **Quadro 6.3.1-1**, a estimativa realizada pela **Ecologus** acerca do número total de pescadores envolvidos com a pesca na **All** foi realizada levando-se em conta o índice de atividade da frota³, o número médio de embarcações por proprietários (ECOLOGUS, 2006) e o número médio de tripulantes por embarcação (ECOLOGUS, 2006).

O **Quadro 6.3.1-2** sintetiza as informações citadas acima, apresentando na última linha o número estimado de pescadores envolvidos na pesca na ASSAPAJU e no CONDEPI.

³ Índice de atividade corresponde ao número de embarcações que atuaram durante o período de um ano, sobre o número total de embarcações cadastradas naquele ano (IBAMA, 2006).

QUADRO 6.3.1-2: NÚMERO DE PESCADORES ESTIMADOS PARA ASSAPAJU E CONDEPI

ENTIDADE	Nº DE EMBARCAÇÕES	ÍNDICE DE ATIVIDADE	Nº DE EMBARCAÇÕES EM ATIVIDADE	Nº MÉDIO DE TRIPULANTES POR EMBARCAÇÃO	Nº ESTIMADO DE PESCADORES
Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Pirambu (CONDEPI) Filial	140 ⁽¹⁾	61% ⁽²⁾	85	3 ⁽³⁾	256
Associação dos Armadores de Pesca da Grande Aracaju (ASSPAJU)	95 ⁽³⁾	61% ⁽²⁾	58	4 ⁽³⁾	232

(1) DE ACORDO COM O QUE FOI OBSERVADO EM CAMPO, EM MÉDIA HÁ UMA EMBARCAÇÃO POR PROPRIETÁRIO.

(2) IBAMA, 2006.

(3) ECOLOGUS, 2006.

Dessa forma, somando o número estimado de pescadores para a ASSAPAJU e para o CONDEPI com o número de associados das colônias apresentados no **Quadro 6.3.1-1**, estima-se que na Área de Influência haja um número aproximado de 6.258 pescadores.

Este resultado reflete o contingente de pescadores envolvido tanto com a pesca estuarina quanto com a marítima. Tendo em vista que a dragagem não apresenta impactos sobre a primeira, torna-se interessante destacar o número aproximado de pescadores dedicados à pesca no mar.

Segundo CEPENE (2003) a relação entre o número de pescadores estuarinos e marítimos é de 1:9. Sendo assim, estima-se um contingente de 626 pescadores atuantes na pesca marítima.

Apresenta-se na **Figura 6.3.1-1** a distribuição do número de pescadores estuarinos e marítimos atuantes na **AII**.

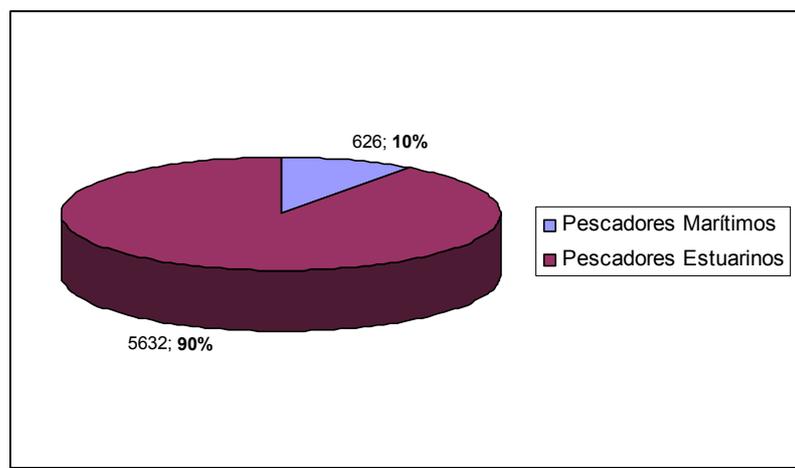


FIGURA 6.3.1-1: NÚMERO DE PESCADORES E RELAÇÃO PERCENTUAL ENTRE OS DEDICADOS A PESCA MARÍTIMA E A PESCA ESTUARINA

O cadastramento realizado pela SEAP, embora tenha englobado grande parte do território nacional, não teve caráter censitário. Os pescadores foram estimulados a participar pela condição de ter o direito ao recebimento do seguro defeso legitimado, ou seja, aqueles que não se apresentaram, ou não comprovaram sua condição de pescador, não foram considerados pescadores.

O relatório publicado também identifica outros três aspectos sociais relacionados aos pescadores, a saber: distribuição geográfica em escala nacional e regional, relação de gênero e nível de escolaridade.

A publicação apontou que Sergipe possui uma população de 8.812 pescadores, o que corresponde a pouco mais de 5 % do total de pescadores nordestinos e a 2,26 % dos pescadores brasileiros.

A ausência nos dados oficiais, da distribuição dos pescadores a nível local (por município) dificulta a comparação entre as duas fontes que subsidiaram a caracterização socioeconômica. Entretanto, pode ser possível verificar a acurácia da estimativa realizada acima.

Assim, o contingente de pescadores estimados para os três municípios situados na **AII** ECOLOGUS (2006), corresponderia a 71 % do total de pescadores de todo o Estado SEAP (2006).

Tendo em vista que na **AII** encontra-se apenas 23 % da frota pesqueira de Sergipe, e que os demais 67 % correspondem fundamentalmente à atividade desenvolvida nos estuários; e considerando que a pesca estuarina é responsável pelo engajamento de 90% da mão de obra pesqueira, é observável que: ou a estimativa realizada neste estudo para número de pescadores atuantes na **AII** encontra-se superestimada, ou os dados oficiais disponibilizados pela Secretaria de Aqüicultura e Pesca encontra-se subestimado.

Sobre os outros fatores socioeconômicos, em Sergipe os pescadores, seguem a tendência dos demais pescadores de outros Estados brasileiros, que são marcados por um baixo nível de escolaridade. A grande maioria (70 % dos pescadores cadastrados) não conseguiu concluir o ensino fundamental, e 11% declararam-se analfabetos.

Diferindo do valor médio nacional, no qual as mulheres correspondem a 30 % do total de pescadores, em Sergipe nota-se uma maior participação do gênero feminino, compondo 43,4% do número total de pescadores cadastrados pela SEAP.

6.3.2 Organização Social

Em cada um dos três municípios situados na **AII** encontra-se organizada uma colônia de pescadores. A Z-01 – Colônia de Pescadores Plínio da Rocha – sediada em Aracaju, foi fundada em 1922. Esta possui em seu livro de registros

mais de 4.000 pescadores associados, que colaboram por mês com R\$ 4,00. A Z-01 não possui qualquer apoio governamental ou não governamental e oferece aos seus sócios apenas a regularização das documentações necessárias para a obtenção de benefícios.

A Z-05, sediada em Pirambu, foi fundada há 41 anos, e é composta por 1.500 sócios. Tal como na Z-01, os pescadores associados a ela pagam uma contribuição mensal, neste caso de valor inferior R\$ 3,50. Esta colônia realiza cursos de alfabetização e cursos de informática, além da eventual organização de documentação pessoal dos pescadores.

A Z-13, localizada em Barra dos Coqueiros, é a mais recente, tendo sido fundada em 2004. Seus 270 sócios fazem uma contribuição de R\$ 3,50 mensais e recebem os mesmos serviços oferecidos pela colônia Z-01.

Também dedicada à organização dos pescadores e da atividade pesqueira presencia-se no município de Barra dos Coqueiros, a Associação dos Armadores da Grande Aracaju - ASSAPAJU que trabalha em conjunto com a empresa Raio de Sol. Estas duas organizações recebem subsídio governamental de 17% sobre o ICMS. A contribuição de cada pescador é retirada através da cobrança de 2 % do valor do óleo comprado. Pela facilidade para a aquisição de óleo e gelo, a ASSAPAJU tem sido muito procurada pelos pescadores.

Em Aracaju e Pirambu, também há a atuação do CONDEPI-Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Pirambu, que possui um Terminal Pesqueiro em ambas as localidades, e que provê infra-estrutura para atracação e desembarque do pescado, descasque do camarão e fornecimento de gelo e óleo aos seus sócios, que devem contribuir com uma mensalidade de R\$ 12,00.

Deve ser ressaltado que o CONDEPI constituiu-se em 1986 através de uma política pública desenvolvida pelo Governo do Estado de Sergipe em conjunto com os donos das embarcações sediadas em Pirambu e Aracaju, objetivando fortalecer as atividades pesqueiras desenvolvidas no litoral do Estado. Hoje não há mais o subsídio governamental, e a manutenção do conselho é realizada através da prestação de serviços aos donos de embarcação, tais como, venda de gelo e de combustível.

No **Quadro 6.3.2-1** estão apresentadas as colônias e associações de pescadores, localizadas nos municípios da área de influência deste estudo.

QUADRO 6.3.2-1: COLÔNIAS E ASSOCIAÇÕES DE PESCADORES EXISTENTES NA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA

COLÔNIAS E ASSOCIAÇÕES DE PESCADORES	LOCAL /DISTRITO	ENDEREÇO
Z-01	Aracaju	av. Ivo Prado, 1208 - São José
Z-13	Barra dos Coqueiros	Praça dos Esportes 204 - Centro
ASSAPAJU	Barra dos Coqueiros	av. Moisés Gumos Pereira, 110
Z-05	Pirambu	av. Agostinho Trindade, 38

FONTE: ECOLOGUS, 2006.

As entidades existentes no âmbito das três esferas governamentais: federal, estadual e municipal que se encontram relacionadas à atividade pesqueira, estão apresentadas no **Quadro 6.3.2-2**.

QUADRO 6.3.2-2: ENTIDADES LIGADAS AO MEIO AMBIENTE

ENTIDADE	RESPONSÁVEL	ENDEREÇO	CONTATO
SEAP Escritório Estadual	Romualdo Bispo dos Santos	Av. João Ribeiro, 428 Centro, Aracaju- SE CEP 49065-000	Romualdo Bispo dos Santos Tel: (79)3179-2461 Cel: (79) 9957-8151 e-mail: romualdo@seap.gov.br
Superintendência do IBAMA, em Aracaju, SE	Manoel Rezende Neto	Av. Ivo do Prado, 840 Bairro São José Aracaju, SE CEP 49015-070	Rivanda Ferreira Félix Tel: (79) 3211-0468/3211-1573 Fax: (79) 3211-1699 e-mail: rivanda.felix@ibama.gov.br
ADEMA-Administração Estadual do Meio Ambiente	Edinaldo Batista dos Santos	Av. Heráclito Rollembert, 4444	Tel: (79) 3179-7310 Fax: (79) 3179-7323 e-mail: adema@adema.se.gov.br
CONDEPI	Josué Moraes de Souza	Av. Otonigu Ponia 100 - Centro - Pirambu	Tel: (79) 3215-4869

Vale ressaltar, dentre as demais ações governamentais destinadas ao fomento da atividade pesqueira na região, a construção do Centro de Formação Profissional Cooperativista Naval Pesqueiro, que comporta uma Unidade Produtiva e um Centro de Apoio Frigorífico. A obra é uma parceria entre a Fundação Municipal do Trabalho (Fundat), PETROBRAS, Navpesca e Fundação Banco do Brasil (FBB). É previsto que esse Centro irá beneficiar a atividade pesqueira em Aracaju, a partir de um projeto gerenciado pela Fundat.

6.3.3 *Uso dos Recursos Naturais*

O recurso natural mais utilizado na área de influência da atividade de dragagem refere-se aos recursos pesqueiros. A pesca sergipana atua ao longo de uma costa com 163 km de extensão, adjacente a uma margem continental estreita e entrecortada por seis grandes estuários. Por este motivo é dividida entre pesca estuarina e marítima.

A pesca estuarina, notadamente a mais importante do Estado em termos de volume desembarcado e mão-de-obra associada, é realizada dentro dos cinco principais estuários do Estado, a saber: do rio São Francisco; do Vaza-Barris; do Sergipe; do Piauí; e do rio Real. Estes estuários oferecem uma grande disponibilidade de nutrientes e servem de área de crescimento e reprodução para uma ampla diversidade de espécies. Por esse motivo, a produção pesqueira nos estuários é muito mais diversificada, e conforme constatado no último relatório sobre o estado da pesca no Brasil, publicado pelo IBAMA em 2006, bem mais significativa em termos de desembarque total do Estado do que se indicava nas pesquisas anteriores.

A pesca marítima ocorre sobre uma plataforma estreita, rasa e com fundo irregular devido às formações biogênicas. Tem como principal alvo os camarões, que se encontram distribuídos prioritariamente nos bancos lamosos formados a partir da deposição fluvial. Os camarões são os organismos mais capturados pela atividade pesqueira sergipana, e geram o maior volume de recursos dentre todos os organismos pescados.

O levantamento realizado pelo projeto ESTATPESCA, correspondente ao ano de 2005, indicou para o Estado de Sergipe uma frota composta por 3.136 unidades distribuídas entre a pesca estuarina e a marítima, sendo que a média anual de canoas ativas em Sergipe foi de 1.644 unidades, e das embarcações camaroneiras, em torno de 103 unidades (IBAMA, 2006).

A maior parte da frota atuante no litoral de Sergipe é composta de canoas tipicamente utilizadas nos estuários (**Fotos 1 e 2**). Estas possuem comprimentos variando de 5,0 a 10,0 metros e são propulsionadas quase na sua totalidade por vela ou remo. As pescarias geralmente são diárias e dependem da maré. Têm como petrechos preferenciais as redes de emalhar (em diversas formas e comprimentos), o arrastão de praia, a tarrafa, linhas (linhas de mão e pequenos espinhéis), e redinha (rede de arrasto manual).

Foto: Ecologus, 2006



FOTO 1: CANOA PROPULSIONADA A VENTO NAVEGANDO NAS ÁGUAS DO RIO SERGIPE

Foto: Ecologus, 2006



FOTO 2: CANOAS UTILIZADAS NA PESCARIA DESENVOLVIDA NO ESTUÁRIO DO RIO VAZA BARRIS, MUNICÍPIO DE SÃO CRISTÓVÃO

O mesmo levantamento indicou também a existência de uma frota marítima composta por arrasteiros de pequeno porte, construídos em madeira, com comprimentos variando entre 8,0 e 13,0 metros e dotados de motores com potência nominal entre 60 a 125 HP (**Fotos 3 e 4**).

Em sua grande maioria são equipados exclusivamente com arrastos duplos com comprimento médio de tralha de 12 metros. As viagens não duram mais do que 12 dias e poucas embarcações contam com o GPS (IBAMA, 2006). As embarcações descritas no último parágrafo se enquadram para o IBAMA na categoria de lanchas⁴. Tal nomenclatura também será adotada no decorrer deste estudo.



FOTO 3: EMBARCAÇÃO TÍPICA DE ARRASTO DE CAMARÕES.



FOTO 4: PORTO DA CONDEPI EM PIRAMBU, ONDE SE OBSERVA AS EMBARCAÇÕES CAMARONEIRAS FUNDEADAS.

⁴ Embarcação motorizada, com casco de madeira, comprimento abaixo de 15 metros, com casaria (cabine) no convés, podendo ser na popa ou na proa, conhecida vulgarmente como barco a motor, saveiro de convés, janga, barco motorizado etc. Pode ser classificada em pequena, média e grande.

A **Figura 6.3.3-1** mostra a distribuição dos tipos de embarcações atuantes no Estado de Sergipe. Na **Figura 6.3.3-1A** apresenta-se os dados obtidos no relatório publicado pelo IBAMA, coletados em 2005, sobre o estado da pesca marítima no Brasil (IBAMA, 2006), e na **Figura 6.3.3-1B** dispõem-se os dados levantados durante o trabalho de campo, realizado pela equipe da ECOLOGUS em 2006.

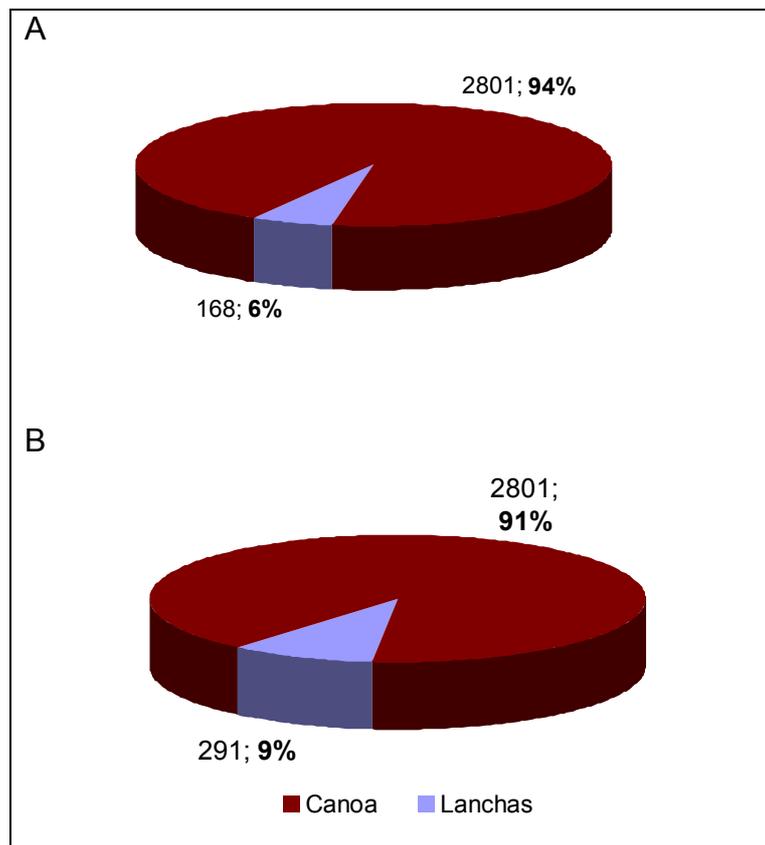


FIGURA 6.3.3-1: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS TIPOS DE EMBARCAÇÕES ATUANTES NO ESTADO DE SERGIPE; **(A)** DE ACORDO COM IBAMA (2006) E **(B)** SEGUNDO OS RESULTADOS DO LEVANTAMENTO DE CAMPO.

Dentre os municípios situados na Área de Influência Indireta, Aracaju se destaca apresentando uma frota composta por 439 unidades, o que corresponde a 57 % das embarcações presentes na **AII** e a 14 % do total das embarcações do Estado.

Considerando o tipo de embarcação, a frota aracajuense distribuiu-se entre canoas e lanchas de médio e grande porte. São encontradas no município 325 canoas, o que corresponde a 77 % da frota municipal, a 72 % da frota de canoas da **AII** e a aproximadamente 14 % da frota estadual.

As lanchas de médio e grande portes presentes em Aracaju somam 97 unidades, (**Foto 5**), correspondendo a 33,8 % da frota marítima presente na **AII** e, por conseguinte no Estado (posto que toda a frota marítima estadual encontra-se sediada na Área de Influência Indireta).



Foto: Ecologus, 2006

FOTO 5: EMBARCAÇÕES DA FROTA DE ARACAJU ATRACADAS AO CAIS DO CONDEPI

Os dados fornecidos pelo Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Pirambu (CONDEPI) apresentaram pouca diferença dos dados oficiais disponibilizados pelo ESTATPESCA, sendo que para o primeiro existem cinco embarcações a menos do que o número registrado pelo segundo.

Pirambu, por sua vez, possui uma frota de canoas inferior à frota de lanchas. Neste caso são 62 lanchas para 57 canoas. Outro aspecto significativo diz respeito ao tamanho da frota marítima, que é a segunda mais importante de Sergipe e que corresponde a 37% do total das embarcações deste tipo para o Estado (**Fotos 6 e 7**).



Foto: Ecologus, 2006

FOTO 6: CANOAS UTILIZADAS PARA PESCA EM PIRAMBU.



Foto: Ecologus, 2006

FOTO 7: FROTA CAMARONEIRA EM PIRAMBU.

No município de Pirambu foi encontrada certa diferença entre os dados oficiais e os dados coletados em campo, posto que segundo os registros da Colônia de Pescadores Z-01 e a CONDEPI, há atuando no município 95 embarcações, ou seja, 38 unidades a mais do que aponta o registro oficial.

Segundo os dados mais atuais sobre o estado da pesca extrativa marítima no Brasil publicado pelo IBAMA, a frota de Barra dos Coqueiros só seria composta por canoas (IBAMA, 2006). Porém, os dados de campo revelaram a presença de uma frota marítima expressiva, composta por 95 embarcações (armadores), dedicada à pesca de mão de peixes pelágicos de alto valor comercial, tais como a cavala, vermelho, atum, cioba e pargo (ECOLOGUS, 2006).

Esta frota marítima corresponde a 33,1 % da frota de lanchas do Estado, fazendo de Barra dos Coqueiros, juntamente com Pirambu, sejam os únicos municípios aonde a frota marítima (composta por lanchas) supera a frota estuarina (canoas) (**Fotos 8 e 9**).



Foto: Ecologus, 2006



Foto: Ecologus, 2006

FOTOS 8 E 9: EMBARCAÇÕES DEDICADAS À PESCA DE LINHA E SEDIADAS NO MUNICÍPIO DE BARRA DOS COQUEIROS.

A **Figura 6.3.3-2** mostra a distribuição por tipo de embarcação atuante nas frotas dos municípios localizados na **All** nos dados oficiais (IBAMA, 2006) e nos dados coletados em campo (ECOLOGUS, 2006).

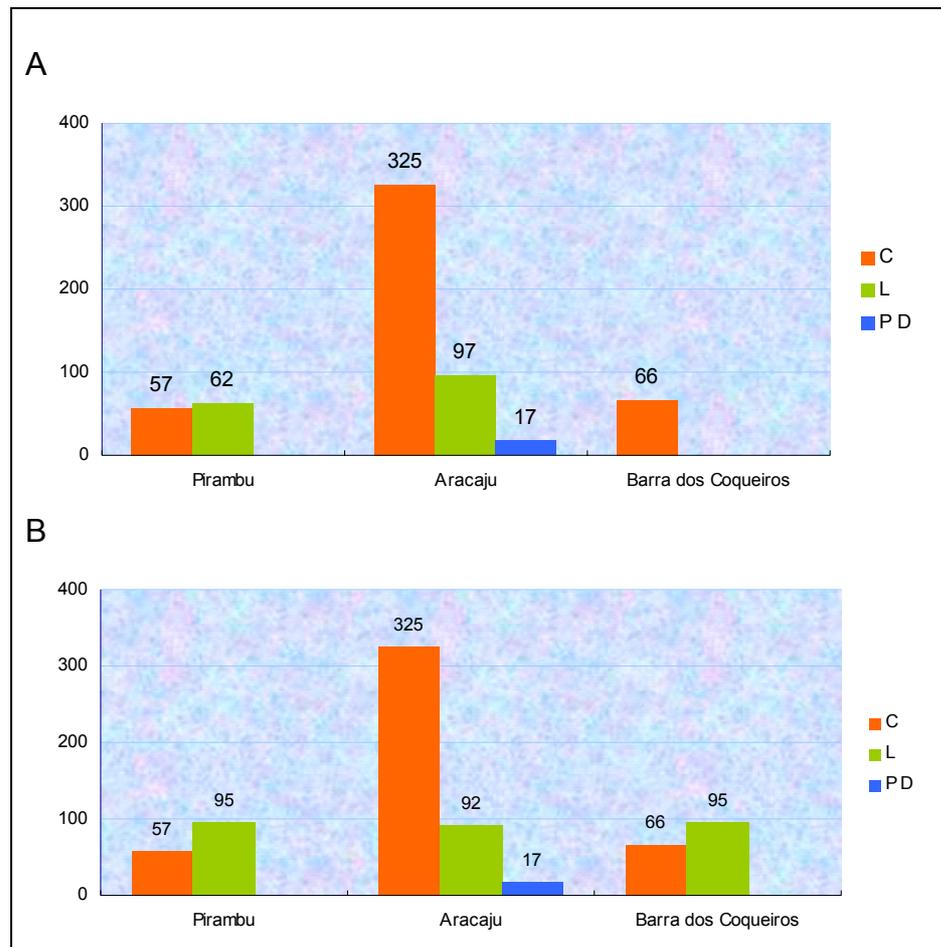


FIGURA 6.3.3-2: QUANTIDADE E TIPO DAS PRINCIPAIS EMBARCAÇÕES E DE PESCA DESEMBARCADA POR MUNICÍPIO LOCALIZADO NA ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA.

(A) DE ACORDO COM OS DADOS DISPONÍVEIS EM IBAMA, 2006; **(B)** DADOS COLETADOS EM CAMPO (C, CANOA; L, LANCHAS; PD, PESCA DESEMBARCADA).

O **Mapa 6.3-1** reúne todas as informações sobre localização das colônias e associações de pescadores, frota e o volume de desembarque nos municípios situados na **AII**. Nesse mapa está representada também a caracterização do espaço marítimo utilizado pelo porto, tanto na sua rotina mercante, incluindo a área de fundeio para apoio às atividades portuárias (informada na Carta Náutica nº 1001, escala 1:25.500 da DHN) quanto na operação de dragagem (áreas de dragagem).



Tendo em vista as características apresentadas nos parágrafos anteriores podemos definir o comportamento da frota presente na **AII**.

Em Barra dos Coqueiros, a frota composta por 95 embarcações dedicadas a pesca com linha atua em profundidades que variam entre 140 e 200 m, a uma distância de 8 a 10 milhas náuticas da costa. Estas embarcações permanecem entre 10 e 12 dias no mar operando principalmente na região do “Canal de Penedo” no Estado de Alagoas (**Mapa 6.3-2**).

Em Aracaju, os dados coletados junto à Colônia de Pescadores Z-01, à Federação de Pescadores do Estado de Sergipe, e junto ao CONDEPI, permitiram inferir que a frota atuante de 70 embarcações se desloca por toda a costa sergipana, para o Norte da Bahia e para a costa do Estado de Alagoas principalmente até foz do rio São Francisco. Também foi constatado durante o trabalho de campo que a frota de Aracaju opera em profundidades que variam de 8 a 30 m, distanciando-se da costa entre 2 e 10 milhas náuticas. Estas embarcações possuem uma autonomia de 5 a 12 dias, e tem como principal alvo os camarões rosa, branco e sete-barbas. O seu embarque e desembarque é realizado na CONDEPI de Aracaju, às margens do rio Sergipe (**Mapa 6.3-3**).

Em Pirambu, cidade aonde se concentra a segunda maior frota dedicada ao arrasto de camarão, foi possível identificar que a atividade pesqueira segue as mesmas características já relatadas para o município de Aracaju, diferindo apenas pela melhor infra-estrutura disponibilizada pelo CONDEPI em Pirambu (**Mapa 6.3-3**).

A sede do Conselho Comunitário disponibiliza para os sócios, dentre outras coisas, área para o descasque do camarão, fábrica de gelo e câmara frigorífica, píer para atracação, bomba para diesel e rampa para carregamento e escoamento da produção (**Fotos 10 e 11**).







Foto: Ecologus, 2006



Foto: Ecologus, 2006

FOTOS 10 E 11: LOCAL PARA O DESCASQUE DO CAMARÃO E RAMPA DE CARREGAMENTO NA CONDEPI DE PIRAMBU.

Portanto, apesar da existência de uma numerosa frota pesqueira dedicada à pesca marítima, esta não utiliza áreas próximas ao **TMIB** como áreas de pesca (**Figura 6.3.3-3**). A atuação desta ocorre preferencialmente na foz do rio São Francisco e na do rio Piauí, e nas proximidades do “Canal do Penedo”, em Alagoas.

Entretanto segundo as mais diversas fontes de informação consultadas (CONDEPI, ASSAPAJU, SEAP, IBAMA, Colônias e Pescadores) a frota transita ao longo de todo o litoral sergipano buscando alcançar as regiões pesqueiras.

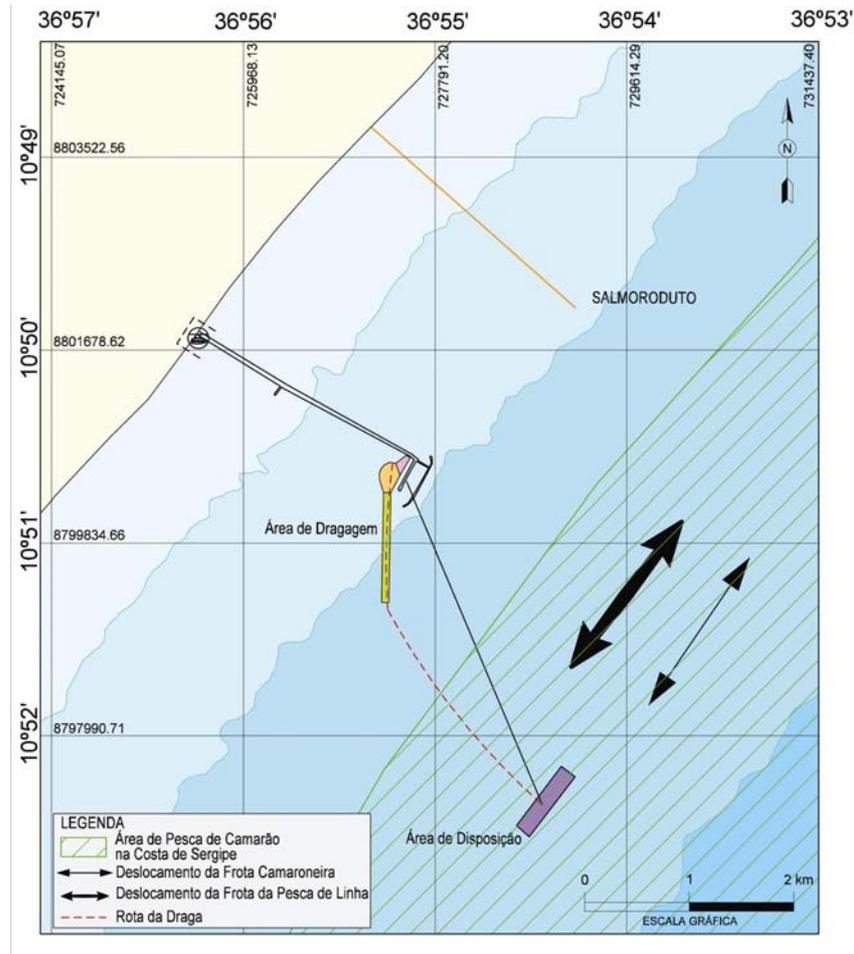


Figura 6.3.3-3: POSSÍVEL SOBREPOSIÇÃO ENTRE AS ATIVIDADES DE DRAGAGEM E PESQUEIRA.

A principal interface da frota pesqueira com o **TMIB** dar-se-á no período de inverno durante a entrada de fortes ventos e mau tempo que obrigam as embarcações a procurarem abrigo atrás do quebramar do Terminal (**Fotos 12 e 13**). Este tipo de relação é autorizada pela Capitânia dos Portos e existe um acordo comum entre os pescadores e a gerência do **TMIB** para essa prática, devido a falta de pontos abrigados neste trecho de litoral e a grande dificuldade de navegação para aproximação e entrada na barra do rio Sergipe, durante os meses de mau tempo. Tal informação foi fornecida pelos pescadores e pela operação do TMIB. Adicionalmente, durante a visita da equipe foi possível observar *in loco* essa prática devido às péssimas condições de tempo e mar na ocasião.

Foto: Ecologus, 2006



FOTOS 12 E 13: EMBARCAÇÕES PESQUEIRAS ABRIGADAS ATRÁS DO QUEBRA-MAR DO TMIB AGUARDANDO A MELHORA DO TEMPO E CONDIÇÕES DE MAR PARA NAVEGAÇÃO SEGURA